



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura**Internacional**

ano 3 • nº 22 • 20 a 26/08/2006 • ISSN 1809-6182

Análise

25/08/2006 – Teste com mísseis balísticos como tentativa de fortalecimento do poder de barganha norte-coreanop.01

Coréia do Norte lança 7 mísseis balísticos no dia 4 de julho em seu programa de testes. Tais lançamentos violam um comprometimento feito por Pyongyang em 1999 e revelam potencial norte-coreano em relação aos Estados Unidos e seus aliados na região.

Resenha

24/08/2006 – Atentados terroristas na Índia.....p.04

Atentados terroristas na cidade indiana de Mumbai ameaçam processo de paz na Caxemira e reacendem discussão sobre Al Qaeda.

Teste com mísseis balísticos como tentativa de fortalecimento do poder de barganha norte-coreano

Análise
Segurança

Raphael Rezende Esteves
25 de agosto de 2006

Coréia do Norte lança 7 mísseis balísticos no dia 4 de julho em seu programa de testes. Tais lançamentos violam um comprometimento feito por Pyongyang em 1999 e revelam potencial norte-coreano em relação aos Estados Unidos e seus aliados na região.

O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas adotou a resolução 1695, no dia 15 de julho de 2006, demandando a suspensão imediata das atividades relacionadas ao lançamento de mísseis por parte da Coréia do Norte – ocorrido no dia 4 de julho –, assim como a transferência, por parte de outros países, de materiais que possam sustentar o programa de mísseis norte-coreano. A resolução também requer a volta da Coréia do Norte à mesa de negociação, junto aos Estados Unidos, Rússia, China, Japão e Coréia do Sul, e ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, do qual se retirou em 2002.

No dia 4 de julho, como parte de seu programa de mísseis, a Coréia do Norte realizou o lançamento de 7 mísseis. Dentre os mísseis, 5 deles eram de curto e médio alcance, já testados amplamente no passado (Scuds e Nodongs). Os norte-coreanos lançaram também o Taepodong-1, já testado em 1998, tendo na época, sobrevoado o nordeste do Japão, com um alcance de 2.200 Km. Porém a preocupação maior concentra-se no último dos mísseis lançados, o

Taepodong-2. Lançado pela primeira vez, este míssil teria o alcance de mais de 6.000 Km, sendo capaz de atingir o Alaska. Entretanto, embora as autoridades norte-coreanas tenham confirmado o sucesso no teste, especialistas acreditam que o fato de o Taepodong-2 não ter durado mais do que 42 segundos no ar teria sido um indício do fracasso do teste. Em sua totalidade, os mísseis deste último teste caíram no mar do Japão.

O lançamento do Taepodong-2 foi responsável pelo rompimento de um comprometimento feito em 1999, logo após o lançamento do míssil que sobrevoou o Japão e caiu no Pacífico, que proibira o teste com mísseis de longo alcance.

Embora as negociações com Pyongyang venham acontecendo há bastante tempo e, supostamente teriam atingido um razoável sucesso na 4ª rodada de negociações multilaterais, que envolveram Estados Unidos, Rússia, China, Japão, Coréia do Sul e Coréia do Norte, os acordos que previam o desmantelamento da capacidade nuclear norte-coreana não foram implementados [ver [Negociações sobre o programa nuclear geram novo](#)

[acordo](#)]. Parte da causa da não implementação dos acordos deu-se pela imprecisão dos mesmos, que não estabeleciam prazos claros ou os condicionantes das concessões acordadas. Por outro lado, dinâmicas externas ao próprio acordo impossibilitaram a sua implementação. Após acusar a Coreia do Norte de falsificação de dólares e envolvimento em operações de lavagem de dinheiro, os Estados Unidos suspenderam os acordos de cooperação energética, estabelecido em setembro de 2005, assim como impuseram sanções econômicas à Coreia do Norte, esforçando-se para reter recursos norte-coreanos, supostamente ilícitos, que estejam em bancos fora do país. Os Estados Unidos conseguiram, por exemplo, reter US\$ 24 milhões, que se encontravam em um banco em Macau.

Tais aspectos acabaram por causar uma escalada na situação, que culminou no lançamento dos mísseis. Entretanto, tal iniciativa por parte de Pyongyang causou consequências imediatas. A Coreia do Sul suspendeu toda a transferência de comida e fertilizante que faz ao país, comprometendo fortemente a economia do Norte. Sendo potencialmente o país mais fechado do mundo, no que se refere às relações mais diversas no sistema internacional, a Coreia do Norte encontra-se fortemente empobrecida, dependente em grande parte de auxílio externo para superar a condição de fome de grande parte da população, auxílio este que vem, na maior parte, da China e da Coreia do Sul.

Uma evidência da situação difícil pela qual passam os cidadãos norte-coreanos é observada na análise do número cada vez maior de emigrações ilegais para a Coreia do Sul. Iniciando uma jornada na fronteira com a China, os norte-coreanos cruzariam o país até o Vietnã, que permite a permanência de indivíduos sem documentação. Daí conseguiriam pegar um avião para Seul, capital da Coreia do Sul. No último dia 23 de agosto foi feita a

maior detenção de norte-coreanos ilegais na Tailândia, 175 imigrantes. Vale a pena salientar que estimativas sugerem que 70% dos indivíduos que fazem tal jornada acabam fracassando antes de completar o percurso, geralmente detidos pelas autoridades chinesas.

A incapacidade do Estado norte-coreano em satisfazer as necessidades de sua população apareceu de maneira mais evidente com as enchentes que ocorreram em decorrência de chuvas torrenciais e ventos fortes do mês passado. Estima-se que 60.000 pessoas estejam desalojadas e ativistas acreditam que o número de mortos ou desaparecidos pode chegar a 10.000. Uma catástrofe de tamanha proporção acabou por levar ao retorno do auxílio internacional, inclusive da Coreia do Sul, objetivando a reestruturação do país.

A condição atual da Coreia do Norte é fruto também da política de gastos públicos que, proporcionalmente ao número de habitantes, possui um dispêndio descomunal em seu arsenal militar (23% do PIB do país). Estima-se que a Coreia do Norte tenha 1,2 milhão de soldados (20% da população entre 17 e 54 anos), constituindo-se como o 4º maior exército do mundo, de acordo com o Departamento de Estado dos Estados Unidos. Some-se a esta capacidade militar o fato de Pyongyang deter o 3º arsenal de armas químicas, um programa ativo de desenvolvimento de armas biológicas e a possibilidade de devido à uma afirmação feita em 2005, deter armas nucleares.

O avivamento deste programa de lançamento de mísseis visa pressionar os Estados Unidos a realimentar a economia Coreia do Norte com os incentivos energéticos, desbloquear recursos que estão fora do país e atrair novamente a atenção mundial por meio desta demonstração de capacidade de autodefesa, afinal o programa é legitimado desta maneira pelas autoridades norte-coreanas.

Aparentemente, a Coreia do Norte percebe que o atendimento às suas demandas nos termos de uma ameaça nuclear conseguiriam resultados mais satisfatórios do que uma aceitação às condições dos Estados Unidos, como a interrupção do programa nuclear.

O momento no qual ocorreram tais testes também sinaliza para uma tentativa de demonstração de poder aos demais países, uma vez que o programa nuclear iraniano atrai a maior parte da atenção mundial. Testes como estes garantiriam à Pyongyang a possibilidade de explorar melhor o potencial de que detêm (pois testam os meios de entrega de cargas nucleares) e conseguir realmente barganhar com a maior potência no sistema.

Obviamente, posições como as da Coreia do Norte conseguem chamar a atenção do Estados Unidos, uma vez que podem comprometer a segurança de aliados estadunidenses na região, como a Coreia do Sul e o Japão. Contudo, este programa norte-coreano não tem conseguido sucesso como instrumento de barganha. Uma reação por parte dos Estados Unidos, como era de se esperar, realmente ocorreu. Porém, não no sentido de atender demandas norte-coreanas. A potência estadunidense apenas ofereceu ao Japão uma remessa de 80 mísseis *Patriot*, os quais irão compor um sistema de defesa contra os mísseis balísticos norte-coreanos. Além disso, iniciou-se no último dia 21 de agosto o treinamento anual das tropas sul-coreanas, que ocorre desde 1975 em parceria com os Estados Unidos. Estes treinamentos são encarados sempre com muita apreensão por parte da Coreia do Norte, que anunciou a possibilidade de um ataque preventivo em resposta ao que, na sua percepção, constitui-se em uma ameaça de guerra.

Referência

Sites:

BBC

<http://www.bbc.co.uk>

CNN

<http://www.cnn.com>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

Global Security

<http://www.globalsecurity.org>

International Herald Tribune

<http://www.ihl.com/>

Reuters

<http://www.reuters.com/>

Ver também:

28/09/2005 - [Negociações sobre o programa nuclear geram novo acordo](#)

19/08/2005 - [A Crise Nuclear Norte-Coreana](#)

24/02/2005 - [Coreia do Norte: o anúncio da posse de armas nucleares no contexto do fenômeno da proliferação de armas de destruição em massa](#)

Atentados terroristas na Índia

Resenha
Segurança

Tiago Cerqueira Lazier
24 de agosto de 2006

Atentados terroristas na cidade indiana de Mumbai ameaçam processo de paz na Caxemira e reacendem discussão sobre Al Qaeda.

A cidade de Mumbai – antiga Bombai, centro financeiro da Índia, sofreu, no dia 11 de julho, uma série de explosões em seu sistema suburbano de trem, causando a morte de mais de 200 pessoas e deixando mais de 700 feridas. Não há estrangeiros entre as vítimas. Entre 18:24 e 18:35, no horário de maior movimento do sistema – cada trem transportando em torno de 4.500 passageiros, três vezes mais do que a capacidade – sete explosões ocorreram em vagões da primeira classe e em estações da linha oeste da ferrovia.

No mesmo dia, o Ministro do Interior indiano, Kaushik Patel, afirmou que as explosões eram fruto de um ataque terrorista planejado. O estado de alerta máximo foi decretado em todo o país, a segurança foi reforçada em aeroportos, centrais de ônibus, cinemas, mercados e outros locais públicos. Apesar de toda cautela, no dia seguinte o sistema ferroviário – que transporta seis milhões, dos 17 milhões de habitantes, diariamente – já havia sido totalmente restaurado para funcionamento.

Diversas pessoas foram interrogadas e presas, mas nenhum relatório conclusivo do ocorrido foi apresentado pela polícia. Aparentemente, lápis com *timers* foram utilizadas para explodir as bombas que teriam sido colocadas em trens saindo da estação *Churchgate*. O material utilizado

para sua fabricação teria sido o RDX, um dos mais poderosos explosivos militares. Algumas autoridades indianas afirmaram que havia conhecimento prévio de uma provável ação terrorista, mas que o desconhecimento do local e data impediram qualquer ação preventiva.

Nenhum grupo foi acusado oficialmente de ser responsável pelos ataques, mas os principais suspeitos, segundo a polícia indiana, são: o grupo terrorista *Lashkar-e-Toiba* (LeT – que significa Exército da Pureza) e o Movimento Islâmico da Índia (Simi). Ambos já foram responsáveis por explosões coordenadas, no estilo das que ocorreram em 11 de julho. No entanto, desde o início das investigações as atenções se voltaram para o primeiro.

O LeT tem sua base no Paquistão e opera na Caxemira – região de disputa entre Índia e Paquistão – visa à independência ou anexação da região ao Paquistão. Apesar das acusações, da mesma forma que demais grupos extremistas islâmicos da Caxemira, negou qualquer envolvimento com os ataques, que classificou de “atos bárbaros e desumanos”.

O único grupo, até então desconhecido, a assumir responsabilidade dos ataques se denomina Al Qaeda Jammu-e-Kashmit. Investigações indicaram a não veracidade das alegações, bem como da inexistência do grupo. Não obstante, alguns analistas



acreditam haver ligações entre os ataques e a rede terrorista Al Qaeda.

Vários motivos são utilizados para defender esta tese: (a) os ataques que ocorreram em Madri (2004) e em Londres (2005) também envolveram uma série de explosões coordenadas no sistema ferroviário; (b) os ataques a Mumbai ocorreram alguns dias antes da reunião o G-8, assim como foram os ataques em Londres; (c) a recente aliança da Índia com os EUA, principal alvo da Al Qaeda; (d) persistência do antigo conflito com o Paquistão, país de maioria muçumana; (e) os ataques da Al Qaeda desde 11 de setembro têm focado em locais turísticos ou sistemas de transporte; (f) lideranças da Al Qaeda, com destaque para Osama Bin Laden e Al-Zawahiri, acusaram e colocaram a Índia como um dos seus inimigos; (g) o simbolismo do número 11, os ataques em Nova York, Madri, Londres e Mumbai todos ocorreram no dia décimo primeiro do mês.

Argumentos interessantes, mas que não tem sido utilizado pela polícia indiana, que foca sua atenção no LeT, também um grupo islâmico. Outras analistas acreditam que este excesso de preocupação com o islamismo pode ter causado interpretações erradas dos fatos e uma onda de preconceito contra membros desta religião. Mesmo que a autoria do ataque seja de um grupo islâmico, não se pode tomar a religião como um catalisador de forças para o mesmo lado de uma só guerra. Até que provas mais contundentes sejam construídas, é necessário cautela. Tudo que se conhece são os problemas na região da Caxemira e a pouca integração dos islâmicos – que representam 15 por cento da população – na sociedade indiana.

Não obstante, alguns dias antes da comemoração da independência indiana, que ocorreu de forma pacífica no dia 15 de agosto, os Estados Unidos (EUA) alertaram seus cidadãos que vivem na Índia para o perigo de ataques terroristas

da Al Qaeda durante as comemorações. O Departamento de Estado estadunidense afirmou que ainda existem células da organização atuando no Paquistão. No dia 23 de agosto, um voo da companhia estadunidense que se dirigia à Índia retornou a Amsterdã poucos minutos após a decolagem. A polícia alemã prendeu 12 passageiros acusados de comportamentos suspeitos durante o trajeto.

Relação Índia-Paquistão

Desde a independência de ambos os países após a Segunda Guerra Mundial, a Caxemira tem sido alvo de disputas entre Índia e Paquistão. Em 1994, foi assinado um cessar-fogo e se iniciou uma negociação para estabelecer a paz na região.

A região da Caxemira é dividida entre os dois países¹, mas diversos grupos islâmicos buscam a anexação ao Paquistão ou a independência da região, utilizando-se muitas vezes de ações violentas. Algumas horas antes dos ataques de 11 de julho, granadas empregadas por militantes islâmicos mataram várias pessoas na região da Caxemira. O governo da Índia afirma que não há relação entre os atentados.

Apesar do Paquistão não ter sido responsabilizado pelos ataques, a Índia acusa-o de não ter realizado os esforços necessários para coibir a organização de ações terroristas em seu território. Claramente, as relações entre os dois países deterioraram-se, mesmo com as declarações, de apoio à Índia e repúdio aos ataques, feitas pelo Presidente

¹ Uma parcela do território da Caxemira pertence também à China, mas foco do conflito se refere a Índia e Paquistão.

paquistanês, Pervez Musharraf, e pelo Premiê, Shaukat Aziz.

Desentendimentos foram registrados logo no dia seguinte ao ataques, quando o Ministério das Relações Exteriores da Índia acusou o Ministro das Relações Exteriores paquistanês, Khurshid Mahmud Kasuri, de se mostrar disponível a cooperação contra o terrorismo apenas se a disputa na Caxemira for resolvida. O Paquistão reagiu se colocando veementemente contra o terrorismo e oferecendo ajuda à Índia.

O Primeiro Ministro indiano, Manmohan Singh, no entanto, se mostrou-se menos amigável e afirmou que se os atos terroristas não foram controlados o processo de paz dificilmente alcançará sucesso. Acusou o Paquistão de não cumprir com sua palavra de coibir o terrorismo. No dia 17 de julho, as conversas bilaterais entre os dois países, no nível de secretariado, foram canceladas. O Paquistão lamentou o cancelamento.

A Linha de Controle, que estabelece a fronteira entre a Caxemira indiana e paquistanesa, foi palco dos primeiros confrontos violentos desde 2004. No dia 28 de julho, oito militantes islâmicos, acusados de tentar cruzar a fronteira, foram mortos por oficiais indianos. No mês de agosto, forças paquistanesas acusaram as forças indianas de atirarem em seu território: a acusação foi negada.

A Índia tem sugerido a necessidade do Paquistão combater o terrorismo para que o processo de paz possa ser avançado na região e se tenha o apoio público necessário para a realização deste objetivo. Pesquisas telefônicas realizadas por canais de televisão indiano mostram que 99% dos participantes entendem que a resposta do governo deveria ter sido mais dura com relação ao terrorismo.

Mesmo com as dificuldades, até o momento, o Paquistão tem se mostrado solidário e a Índia têm mantido cautela. Parece haver uma preocupação em não se

estragar o progresso alcançado nos últimos anos nas relações entre os dois países. Páginas da internet escritas por nacionalistas hindus, que incentivam a violência religiosa, foram bloqueados pelo governo indiano.

Tudo indica que, apesar da turbulência, as relações entre os dois países podem alcançar novamente um nível de cooperação efetivo na região. Não obstante, a relação entre Al Qaeda e os atentados não está clara.

Referência

Sites:

CNN

<http://www.cnn.com>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com>

Guardian

<http://www.guardian.co.uk>

Safe Democracy Foundation

<http://english.safe-democracy.org/>

Conjuntura**Internacional**

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação-Geral: Prof. Javier Vadell

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Prof. Eugenio Diniz; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Jéssica Naime; Layla Dawood; Raphael Rezende Esteves; Tiago Cerqueira Lazier; Wesley Robert Pereira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500 Prédio 04 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31)3319-4257 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>